

Covid-19

Um sério desafio à conservação do Património Cultural

Isabel Raposo Magalhães | Membro do Conselho do ICCROM; ex vice-presidente da Direcção do ICOM-CC

“I wish it need not have happened in my time” said Frodo. “So do I” said Gandalf, “and so do all who live to see such times. But that is not for them to decide. All we have to decide is what to do with the time that is given us”

J.R.R. Tolkien's, *The Fellowship of the Ring*

Resilience is the capacity of a system, be it an individual, a forest, a city or an economy to deal with change and continue to develop

[Stockholm Resilience Centre](#)

2020 não foi um ano fácil. O impacto do Covid-19 provocou uma profunda disrupção no modo como trabalhamos, nos organizamos ou interagimos com os outros. A pandemia, que surgiu de forma brutal e inesperada, mudou a nossa vida e mergulhou a economia mundial numa tremenda recessão. Esta “nova realidade”, que fechou fronteiras, impossibilitou viagens e confinou grande parte da população a nível mundial, teve um profundo impacto no Património Cultural, agravando fortemente a situação de crise crónica em que vive. Por outro lado, fez emergir novas prioridades, obrigou a fazer balanços, a repensar o futuro, incentivando a oportunidade de o construir de forma mais sustentável, ao nível social, ambiental e financeiro.

Um desafio estimulante para o sector do Património, o de pensar nas possíveis respostas e tomar medidas para mitigar os graves danos económicos, sociais, culturais e emocionais (no sentido do bem-estar e da plenitude que o contacto com a arte e a cultura proporcionam).



Em muitos casos o encerramento impediu a vigilância, manutenção e monitorização dos bens patrimoniais, fazendo aumentar a probabilidade do risco de incêndio, de furto, de situações de vandalismo e de exposição a ataque biológico ou de condições de ambiente inadequadas. Dificultou também a resposta e recuperação de desastres.



E, BRUSCAMENTE, O IMPENSÁVEL...

Museus, monumentos e sítios tiveram de ser encerrados ao público um pouco por todo o mundo. Tiveram de se reinventar para proteger os seus acervos e, simultaneamente, tentar compensar os seus visitantes da não fruição através de visitas virtuais, palestras *online* e outras iniciativas. Muitos demonstraram uma notável imaginação, inovando, mostrando aspectos menos conhecidos ou divulgando informação suplementar.

Foram depois reabrindo, de acordo com a situação sanitária dos respectivos países, enfrentando uma realidade diferente: uma diminuição brutal de visitantes (nacionais e sobretudo estrangeiros, consequência da diminuição abrupta do turismo) com repercussões trágicas nos já de si curtos orçamentos e uma enorme incerteza sobre a possibilidade de regresso ao normal, em termos de público, de receitas, de concretização de projectos, e da capacidade de manter o seu poder de atracção num mundo que mudou.

É, pois, crucial que consigam demonstrar a sua relevância social, apostando numa maior inclusão e participação das comunidades, incorporando as novas inquietações da sociedade actual: alterações climáticas, sustentabilidade, maior solidariedade, novos olhares sobre as origens das colecções, sobre as suas fontes de financiamento... sem perder a sua identidade, significado e valores.

O IMPACTO

Logo em Maio a UNESCO publicou o "Museums around the world in the face of COVID-19" com o resultado do inquérito realizado a cerca de 85 mil museus, desde o mês de Abril.

Por sua vez, o ICOM disponibilizou o relatório "Musées, professionnels des musées et COVID-19" feito a partir de um inquérito a museus de 107 países, onde procurou ouvir a opinião dos seus profissionais sobre os constrangimentos económico, social (a diminuição de actividades educativas e formativas) na segurança e conservação das colecções e na situação dos profissionais independentes.

Ambos enfatizaram o profundo impacto da pandemia: cerca de 95% dos museus a nível mundial fecharam temporariamente (por períodos mais ou menos longos), dos quais pelo menos 10%, calculam, não voltarão a abrir.

Também o ICOMOS apelou para uma maior vigilância nos monumentos e sobretudo, nos sítios arqueológicos, particularmente vulneráveis.

As análises feitas coincidem no diagnóstico: por todo o mundo, os impactos da pandemia no Património Cultural sentiram-se sobretudo ao nível económico: perda muito substancial de visitantes e receitas

(bilheteiras, lojas, alugueres de espaços, doações, *sponsors*...); ao nível social com exposições e actividades canceladas ou adiadas; ao nível da segurança dos bens patrimoniais e da sua conservação.

Em muitos casos o encerramento impediu a vigilância, manutenção e monitorização dos bens patrimoniais, fazendo aumentar a probabilidade do risco de incêndio, de furtos, de situações de vandalismo e de exposição a ataque biológico ou de condições de ambiente inadequadas.

Dificultou também a resposta e recuperação de desastres. Em Março, um sismo provocou danos substanciais em edifícios patrimoniais e museus de Zagreb; em Junho o incêndio no Museu de História Natural da Universidade de Minas Gerais; em Agosto, os incêndios na Igreja de São Martinho em Plasencia, que danificou um retábulo de Luís de Morales (séc. XVI) na Igreja de Santa Veracruz no México ou na Igreja da Assunção em Santiago do Chile.

A gestão da coexistência de riscos múltiplos foi posta à prova pela situação de pandemia em Agosto, quando uma violenta explosão na capital do Líbano afectou várias galerias de arte e museus como o Museu Nacional de Beirute ou o Museu Sursock. O ICCROM conseguiu enviar uma missão para avaliar os danos, mas foi muito difícil programar a ajuda para a resposta e recuperação.



Há, no entanto, um aspecto interessante a considerar: se este hiato provocado pela pandemia representou, para muitos museus e monumentos, um factor de risco acrescido, foi, paradoxalmente, para outros como que uma bênção que lhes permitiu suavizar a pressão excessiva e predatória de um turismo massificado.



Em Outubro 70 artefactos e obras de arte de museus em Berlim (entre os quais o Pérgamo ou o Alte Nationalgalerie) foram vandalizados.

Também durante o período de encerramento por causa da pandemia, registaram-se alguns actos de vandalismo e roubo em sítios arqueológicos, particularmente expostos e vulneráveis, e o roubo de uma pintura de Van Gogh do Museu Singer Lauden (Holanda).

Em Junho, no Museu Branly (Paris) verificou-se uma tentativa de roubo de peças de arte africana, no contexto do movimento de devolução de obras trazidas durante a época colonial. Sem ligação ao tema Covid-19, uma breve referência ao movimento de destruição de esculturas urbanas ligadas à época colonial e escravagista, que se manifestou em alguns países sobretudo da América do Norte e Europa este ano, coincidindo com o período da pandemia.

De um modo geral, a pandemia fez explodir o tráfico ilícito de obras provenientes, nomeadamente, da Síria, Líbano, Afeganistão, ou de países da América Latina. Segundo a UNESCO, deu-se um fenómeno de proliferação de negócios ilegais através da internet.

Há, no entanto, um aspecto interessante a considerar: se este hiato provocado pela pandemia representou, para muitos museus e monumentos, um factor de risco acresci-

do, foi, paradoxalmente, para outros como que uma bênção que lhes permitiu suavizar a pressão excessiva e predatória de um turismo massificado. Os sucessivos recor-des de visitantes em museus (Louvre), em cidades patrimoniais (Veneza) ou em sítios emblemáticos como Pompeia ou Machu Pichu ameaçavam criar situações de ruptura e constituíam uma verdadeira ameaça à sua conservação.

A sobrevivência dos bens patrimoniais passará, também, pela adequação do número de visitantes a uma fruição sustentável.

A RESPOSTA

As organizações internacionais e também muitos serviços nacionais elaboraram recomendações para preparar o encerramento e futura reabertura de museus e monumentos, assegurando a segurança de pessoas e colecções, ou a compatibilidade das medidas sanitárias com a conservação dos materiais.

Uma das mais completas, até porque contou com a participação de especialistas de várias instituições, foi elaborada pelo ICCROM, o órgão consultivo da UNESCO para o Património Mundial.

Também o Ibermuseus disponibilizou diretrizes para museus e sítios patrimoniais, enquanto o Governo do Canadá, com o apoio



COMBATTING ILLICIT TRAFFICKING OF CULTURAL PROPERTY DURING COVID-19
Illicit excavations and online

de especialistas do Canadian Conservation Institute e do International Centre for Conservation, publicou a nota técnica “Caring for Heritage Collections During the Covid 19 Pandemic” (primeira versão a 17 de Maio e a segunda no dia 24 de Julho).

Destacaria ainda as sugestões do Centro Nacional de Restauro do Chile, revendo procedimentos de conservação preventiva centradas nos materiais e sua compatibilização com as medidas sanitárias e produtos (nomeadamente de desinfecção) utilizados.

Os museus reagiram ao encerramento reinventando-se, tirando partido de oportunidades, como é o caso do formidável incremento do digital e das redes sociais, investindo em propostas *online*. “Webinars” (só o ICCROM organizou mais de 20 desde Maio), cursos, palestras, publicações, visitas e exposições virtuais, disponibilizados nos seus *sites*, divulgados pelo *facebook*, *twitter* ou *instagram*, transmitidos por *zoom*, *youtube*, *skype* ou outros meios, permitiram manter a sua actividade e atingir mesmo um número muito mais alargado de pessoas.

ICCROM LECTURE SERIES
GLOBAL VOICES: HERITAGE AND PANDEMICS

REOPENING & ADAPTING HERITAGE PLACES DURING A PANDEMIC

22 May 2020 | 2:00 - 3:00 pm CET (Rome Time)

Panelists:

- Rishi Jigava, ICCROM
- Elva Martínez, Instituto Hondureño de Antropología e Historia, Honduras
- Rebecca Kennedy, Curator Collections Care LLC, USA
- Kirsten Parker, Boston Public Library, USA
- Rajesh Kanti, Digital Institute of Disaster Management, India



ICCROM

Conserving Culture
PREVENTING EMERGENCIES

ICCROM LECTURE SERIES

LA CONSERVACIÓN APLICADA EN TIEMPOS DE COVID-19 A CONSERVAÇÃO APLICADA EM TEMPOS DE COVID-19

19/11/2020 | 16:00 CET (Rome, Italia)

Moderadores:

- Valérie Mozer, ICCROM
- José Luis Pedernali, ICCROM

Oradores:

- Joana Amaral, Paços de Sintra Monte da Lua, SA, Portugal
- María Hernández Acosta, Museo Nacional del Prado, España
- María Lacortechi, Museo Histórico del Norte, Argentina
- María Cecilia Rodríguez Maena, Centro Nacional de Conservación y Restauración, Chile
- María Valdez Maena, Coordinación Nacional de Conservación del Patrimonio Cultural, México



ICCROM





O futuro obrigará a uma gestão equilibrada do difícil binómio: incrementar a presença online, aumentado e diversificando o acesso versus manter a ligação física aos seus públicos. Nesta época de verdadeiro fascínio pela tecnologia, será um verdadeiro desafio conseguir atrair as novas gerações, seduzidas pelo “*approach* do virtual”.



Partindo de conteúdos já existentes e, sobretudo, criando novos, aproveitando para mostrar aspectos menos conhecidos (reservas, intervenções de conservação e restauro, jardins...), foram inúmeras as iniciativas com que museus e monumentos tentaram suprir a presença física e, dando provas de grande resiliência, foram descobrindo novas formas de comunicar e de promover o acesso à cultura.

Houve experiências e projectos originais como o “Between Art and Quarantine” do Rijksmuseum de Amsterdão, que sugeriu os utilizadores da *web* a retratar-se reproduzindo obras célebres para depois partilhar as fotografias; o Museu Pompidou que investiu fortemente na criação de jogos interactivos para o público infantil.

A Boston Public Library, voltou-se para a comunidade, incrementado o empréstimo domiciliário, distribuindo livros em lares ou adquirindo obras de artistas locais afectados pela pandemia. Museus de Nova Iorque colocaram-se ao serviço do combate à pandemia, adaptando espaços para recolha de sangue e análises. Alguns jardins históricos disponibilizaram espaços para cultivar vegetais... Exemplos interessantes de apoio à sociedade.

EM JEITO DE CONCLUSÃO

Resiliência é, no fundo, a capacidade de um sistema lidar com a mudança e continuar a desenvolver-se.

Num mundo pós-Covid, onde os orçamentos terão de responder a prioridades sanitárias, sociais e económicas, é fundamental que museus e monumentos consigam adaptar-se e demonstrar o seu papel na sociedade como “guardiães” da nossa herança cultural, mas também como espaços de inspiração e diálogo baseados no respeito pela diversidade e pelo reforço da coesão social.

Como agentes de transformação, deverão reforçar a ligação às comunidades em que se inserem, indo ao encontro das suas expectativas e inquietações, adoptando uma estratégia de desenvolvimento sustentável, tirando partido dos saberes tradicionais, dos recursos locais e regionais.

Em tempos de crise, é fundamental apostar em parcerias e em redes de instituições e de profissionais que permitam a partilha de conhecimentos e experiências, favorecer a divulgação de projectos e iniciativas, contribuir para a formação e sensibilização para o Património Cultural, sobretudo das gerações mais novas. É-o, também, investir em capacitação de profissionais na área da gestão de riscos e na ajuda ao Património em situações de risco/desastres.

Os riscos em pandemia (e isso foi patente tanto no sismo da Croácia como na explosão no Líbano) dificultam ou tornam mesmo impossível a mobilização internacional de especialistas e voluntários que, em situações de desastre ou catástrofe acorrem para ajudar (e são tantos estes exemplos

de solidariedade: Florença 1966; Haiti 2010; Nepal 2015...).

Uma das evidências da crise Covid-19 foi a constatação do acentuar de desigualdades entre os museus. Por exemplo, ao nível dos recursos informáticos e tecnológicos, num período em que o digital foi a fronteira entre o continuar a comunicar/mostrar ou não (segundo a UNESCO só 5% dos museus africanos puderam recorrer ao digital).

O futuro obrigará a uma gestão equilibrada do difícil binómio: incrementar a presença online, aumentado e diversificando o acesso versus manter a ligação física aos seus públicos. Nesta época de verdadeiro fascínio pela tecnologia, será um verdadeiro desafio conseguir atrair as novas gerações, seduzidas pelo “*approach* do virtual”.

Nesse sentido, seria importante lançar uma campanha de sensibilização para a ideia de que os museus e monumentos são locais seguros e confiáveis em termos sanitários; de que em tempos de crise e incerteza são locais de paz e de bem-estar e, sobretudo, de que por mais interessantes e aliantes que sejam as experiências virtuais, não há nada comparável à contemplação dos originais com toda a carga simbólica de história, memória e identidade civilizacional que encerram ■

* *Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.*